

OS TRÊS MARIDOS DE DONA FLOR

Vinícius Canhoto

*“Quem é o terceiro a andar sempre a teu lado?
Quando conto, estamos juntos, somente você e eu”.*

T. S. Eliot

1

Meu primeiro marido veio nos dias de descobrimentos, de teares partidos e caravelas perdidas, de horas todas calculadas. Veio para o almoço, quando eu esperava por barões. Entrou pela porta da frente e amou-me com modos, com método, na mesa girante, na sala de estar, suave e cartesiano, amou-me com inocência, em meus olhos de menina, nos destinos traçados por esquadros e compassos, amou-me por intermédio de bússolas e rotas marítimas que indicavam minha casa, amou-me manufacturando-me e narrando todas as riquezas da história do mundo. Chamava-me de rainha. Mas ele não sabia negociar, não sabia esconder sua ambição, não sabia conviver dentro de minha alma bucólica com meus homens, meus servos da gleba. Era um burguês que circum-navegou minha matéria-prima, rasgou o véu sentimental que envolvia toda minha família e desatou meus laços feudais, arrancou minha raiz da terceira margem do rio para me levar à cidade ciclópica. Ensinou-me o mecanismo da liberdade, a matemática da igualdade, as engrenagens da fraternidade, os segredos do martelo e da bigorna, a mão invisível, o ter e o haver. Disse-me que a vida é uma moeda. Tive medo do pouco de cobre e vidro que tomei por ouro e diamante, do mar de venenos importados em que me afogava, e perguntei: “O que está fazendo? Milhões de vasos sem nenhuma flor. O que está fazendo? Um relicário imenso deste amor”. E ele se foi, deixando todos seus regalos, as velas, as vasilhas, o enxoval, tudo aquilo que um burguês não poderia levar para o céu.

Eu que não era mais que um grito, um rosto que se olhava nos relógios e não se reconhecia, me olhei no espelho e tirei de meu rosto a máscara que me sorria.

Meu segundo marido veio nos dias de solidão, de mandalas partidas e búzios perdidos, de horas todas mercenárias. Veio para o chá das cinco, quando eu esperava por missionários e mercadores. Entrou pela porta dos fundos e amou-me com paciência, com regras, na roleta, na sala de jogos, curinga e vadio, amou-me no cara-e-coroa, em meu rosto de mulher, nos destinos lidos nas linhas da mão, amou-me em sequências que contavam vinte-e-um, amou-me ganhando e espoliando-me em todos os zeros da história do mundo. Chamava-me de perdida. Mas ele não sabia blefar, não sabia manter sua sorte, não sabia viver dentro de minha alma azarada com meus homens, meus proletários psicografados. Era um jogador que me dominou como um dominó, apostou meu coração nos cassinos, jogou-me à vida como se lançasse dados, arriscou meus sentimentos no par-ou-ímpar, preferiu meu corpo como se escolhesse, num cara-ou-coroa, entre o vermelho e o negro, colocou minhas pétalas em caça-níqueis. Convidou-me para jogarmos juntos em Paris e que lá me faria ver as estrelas em pleno dia e depois de dois meses o dilúvio. Disse-me que um mês de vida assim era melhor que toda a minha existência. Tive medo de arriscar, de pagar caro demais, mas paguei o preço da permanência, enquanto ele ia e vinha das casas de jogos, me contava suas perdas e ganhos, até que perguntei: “O que está mostrando? Milhões de cartas sem nenhum valor. O que está mostrando? Um baralho imenso deste amor”. E ele se foi, deixando cartas de amor, dados viciados, valetes virgens, um vazio pela casa e tudo aquilo que um jogador não poderia levar para o purgatório.

Eu que não sabia perder, uma rainha de espadas a voar nas asas de ases num jogo em que perder se fez o melhor destino, vi meu castelo de cartas cair e chorei.

3

Meu terceiro marido veio nos dias de lentidão, de espelhos partidos e anjos perdidos, de horas todas semelhantes. Veio ao anoitecer, quando eu esperava por dragões. Entrou pela janela e amou-me sem leis, sem regras, no leito, no quarto de alcova, abrupto e selvagem, amou-me na angústia, em meus seios de mãe, nos destinos invisíveis de olhos eternos entre lágrimas, amou-me com os gritos de monstros desmedidos que habitavam meus abismos, amou-me matando-me como o fogo vive a morte da terra e o ar vive a morte do fogo e a água vive a morte do ar e a terra vive a morte da água. Chamava-me de imortal. Mas ele não sabia sentir, não sabia ser humano, não sabia conviver dentro de minha alma triste com meus homens, meus mercenários. Era um vampiro que mordeu minha carne, beijou-me a boca com sabor de fruta mordida, saciou sua sede em meu veneno, sugou meu calor até secar minha saliva, bebeu-me até me fazer transpirar, suicidou-se em meus espinhos. Ignorou meus amores d’antes, o uivo do bicho pré-histórico que andava, alma penada, a existir conosco, o choro do trovador medieval que cavalgava suserano-decapitado a cantar a nostalgia de uma renascença morta. Disse-me que era preciso sermos modernos como o amor. Era a última página de minha vida. Deixei, então, o medo, a sombra da dor, não apaguei a luz, mas fechei os olhos sob seu corpo efêmero, que nas mãos do sol se despedia, enquanto eu me perguntava: “Por que está amanhecendo? Peço o contrário pelo sol se pôr. Por que está amanhecendo? Se não vou beijar seus lábios quando você se for”. E ele se foi, deixando seus suspiros de âmbar, sonhos, olhares, seu sangue que correu em minha veia, seu cheiro que morou em meus pulmões, suas asas que sacudiram minha miséria e tudo aquilo que um vampiro não poderia levar para o inferno.

Eu que vivi a efemeridade e vi em minhas rugas as assinaturas e as marcas das paixões que o destino me legou, receio ser morta por uma gota de chuva. No entanto, banho-me no rio do esquecimento para apagar as palavras do livro dos dias escritas em minha pele.

Vinícius Canhoto

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo e autor de *Livro do Esquecimento*.